

Quando à vontade corresponde o empenho

Como sempre, naquelas momentâneas incursões que costumam realizar quando uma brecha de oportunidade se me abre durante o desempenho das minhas funções profissionais, passei, na tarde de sexta-feira, 23-1-87, pela AEMO, quando, inadvertidamente, fui atraído por um papelucho que alguém colara na vitrina dos anúncios, avisos e outras informações.

Tal retalho de papel, manuscrito na feltro, anunciava a deslocação da brigada literária «João Dias», da AEMO, no domingo vizinho, 25-1-87, ao cemitério S. Francisco Xavier, para uma cerimónia de deposição de flores na campa do seu patrão, o escritor João Dias e convidava todos quantos se dispusessem a acompanhar o acto.

Já, pela rádio e pelos jornais, para além do próprio contacto directo com os jovens brigadistas «JD», me havia inteirado, com satisfação, das actividades culturais que tem levado a efeito este promissor grupo, de forma que mais aquela sua manifestação não me surpreendeu, pelo contrário, contagiou-me a ponto de, comigo mesmo, comprometer-me a estar presente naquele acto louvável de recordar aquele que, tendo sido proibido de continuar a caminhar firme e convicto nas suas ideias sobre este mundo, deixou timbrado no tempo, com letras de ouro, o testemunho de uma vigorosa luta pelo equilíbrio social, passando pelo reconhecimento e emancipação do negro.

O dia nascera ameno, suportável. Um aguaceiro de véspera havia contribuído muito para essa amenidade, dando apenas lugar a umas ligeiras lufadas de ar fresco, sob um sol brando que a espaços se escondia atrás do bando de nuvens que cabriboava no céu.

Sai de casa agasalhado para o que desse e viesse e andei a passo lesto, pois já faltavam uns escassos dois minutos para a hora marcada de concentração à entrada da necrópole.

No local indicado não estava ninguém ainda. Aguardei. Pouco depois a mim juntaram-se alguns elementos da brigada «JD», empunhando flores de várias tonalidades. Daí a mais um pouco, outros e uma das irmãs do escritor, a Tite, já de cabelo meio esbranquiçado e feições que a situam n. copa antiga dos naturais desta terra moçambicana, fizeram a sua aparição.

Os brigadistas e a Tite já se conheciam. Cumprimentaram-se amigavelmente e, quando chegou a minha vez, com uma atitude vivaz e contagiante e de sorriso luminoso no rosto, mencionou não me conhecer. Então, o Castigo Zita não perdeu a ocasião para a apresentação e fé-lo da forma mais cortês que pôde e ela asseverou que não se esqueceria do meu nome.

Trocámos os «muito prazeres» da praxe e, quando se julgou a passo lento, comentando sobre o estado de degradação em que se acha o cemitério, tudo a ruir e o capim com descarada ousadia a trepar por sobre os túmulos e a escondê-los em certos lugares, quando, logo à entrada repousava no seu descanso dominical uma pequena frota de carrinhos de mão que não lhe sabíamos o uso ali, sabendo, embora, que eles são para recolha de lixo, e uma torneira encapuçada com uma terrina, não se sabe por quem, parecia-nos chorar, à balda, pelas centenas de defuntos baixados à terra naquele lugar.

Chegámos à última morada do autor de «Godido», onde, afinal, ele está em comunhão tumular com o seu pai, o célebre jornalista Estácio Dias.

Procedeu-se à deposição de flores e à limpeza periférica da marmórea campa e, após alguns



minutos de reflexão, em que cada um dos presentes conversou intimamente com João Dias, retirámo-nos.

Já fora do cemitério, a Tite convidou a brigada para chegar à sua casa, o que, sem ser recusa, foi adiado para uma outra ocasião, pois os brigadistas tinham outros pontos agendados para aquele domingo.

Separei-me do grupo, após breve troca de palavras e até desejos de bons sucessos no périplo que a brigada ia realizar a partir daquela semana às províncias de Gaza e Inhambane, na grande batalha da divulgação da literatura do nosso País.

Foi impressionante aquela cerimónia, apesar das suas brevidade e simplicidade, pelo significado que abarcava. Não é de subestimar uma homenagem sin-

gela a alguém com quem comungamos os ideais, pese embora a distância que separa as épocas, e de quem procuramos no nosso empenho quotidiano beber a inspiração para os nossos actos, sobretudo quando nos propomos continuar o canto interrompido na aplicação desse alguém e ainda quando esse alguém dá pelo nome de João Dias, um dos arautos das nossas letras.

Muito já se disse sobre a vida e a obra deste escritor, mas de modo muito superficial e retalhada. Porém, a brigada que adoptou o seu nome parece afoitar-se em centralizar tudo quanto se sabe sobre ele e sistematizar, de forma a, organizadamente, se emprestar aos anais da nossa literatura o cunho certo de João Dias e do empenho por que ele lutou até a morte lhe encurtar a obra. É preciso ir-se até ao fundo da questão João Dias, pesquisando-se, e é o que a brigada, a par das suas outras actividades, faz. Pela casca não se conhece o fruto, se lhe não tivermos metido o dente.

A brigada «João Dias», um dos braços activos da AEMO, cobre com sobriedade e oportunidade uma das grandes lacunas daquela agremiação literária do nosso País: a divulgação literária, pois estão nos seus programas as visitas a escolas, fábricas, empresas, zonas rurais e outros locais onde, por várias razões, não é convenientemente conhecida a actividade criativa dos nossos poetas e contistas.

Não pretendendo substituir-se à comissão do «M'Safo», que tem as suas actividades no coreto do Jardim Tunduru no último sábado de cada mês, nem à coordenação da revista literária «Charrua», com periodicidade bimestral, também braços activos da AEMO, cada um dimensionado para uma determinada área, ela faz o seu papel de maneira diferente, não se confundindo o seu calendário com o dos demais núcleos culturais, o que tem resultado em retumbantes sucessos por todos os locais, para onde os jovens que a integram levam a fogueira do verbo poético dos nossos escritores, granjeando a simpatia dos que, não indo mais fundo nas leituras, compreendem pelo ouvido e através do gesticular dos declamadores a mensagem limpa dos poemas e dos contos que os artesãos da palavra transmitem nas suas obras.

Assim é quando à vontade corresponde o empenho.

Que a força que agrega estes jovens num convívio cíclico diário e necessário, seja uma chama que arda eternamente para gozo da cultura moçambicana e não coisas de vento que cedo passam e dão gozo e galhofa aos que nunca viram com bons olhos a sua nobre actividade.

JUVENAL BUCUANE